



O YPIRANGA

Orgam do Gremio « Fernando Motta »

Comissão de Redacção: Caldas Junior, Arthur Motta Junior e Omar Magro

O YPIRANGA

Apparece hoje *O Ypiranga*.

Modesto orgam de um Club cujos membros são jovens e inexperientes, apresenta-se na arena da Imprensa com passos vacillantes, procurando também um lugar entre os batalhadores da Luz.

Não se encontram nas suas columnas senão pequenos ensaios litterarios e scientificos. As idéas ahí expostas, serão naturalmente traduzidas de um modo pallido e sem o vigoroso colorido que só a longa pratica das lides jornalisticas pode dar.

O Ypiranga apresenta-se sob a egide de um nome grato a todos os corações brasileiros, e seu primeiro numero sae a 7 de setembro.

Assim commemora a notavel data da nossa Independencia tudo gravado na sua primeira pagina as letras desse rio cujas agnas no seu marulhar ainda parecem repetir as palavras de Pedro I, achará mais forças certo para enfrentar com os obstaculos que a adversidade lhe antolhar no difficil caminho que enceta.

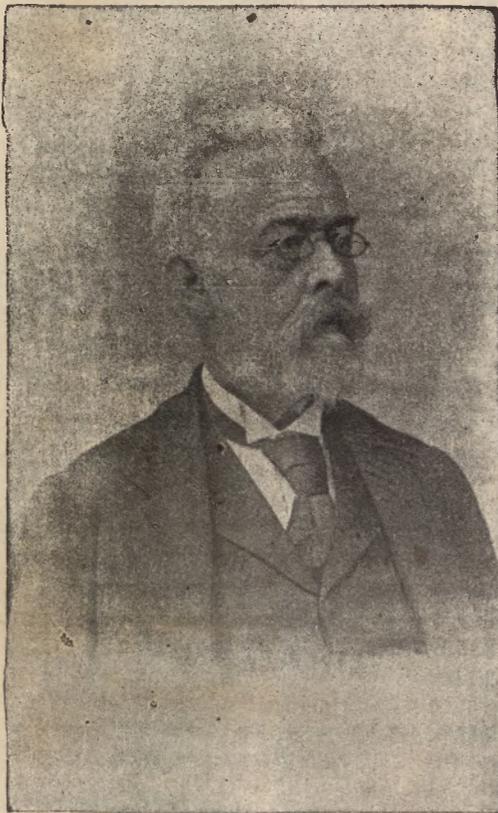
Eis em poucas palavras o que somos: nosso vexillo terá sempre gravadas as palavras:

Deus, Honra e Trabalho.



FERNANDO MOTTA

Thiers, o notavel estadista e historiador, a quem n'um difficilimo momento foi confiada a missão de dirigir os destinos da republica franceza, vio-



Fernando Motta

lentemente abalada pela recente guerra franco-prussiana, passeava um dia de carro, n'uma das cidades meridionaes de sua patria. A multidão o aclamava com aquelle enthusiasmo proprio dos gaulezes e cercava-o o pomposo fastigio do poder. Nessa occasião, um velho tremulo, a cabeça embranquecida pelas neves do tempo, procurava approximar-se delle. Os guardas procuravam affastalo, mas o presi-

dente da Republica desce de seu carro, e com as lagrimas nos olhos vae abraçar o ancião, entre os delirantes applausos do povo. Aquelle homem curvado pelos annos, tinha o guiado nos primeiros passos na vida — era o seu primeiro mestre.

Thiers dava á mocidade o mais sublime exemplo de gratidão e de respeito para com o seu proceptor.

Aproveitemo-lo e prestemos hoje homenagem a Fernando Motta, cuja vida tem sido dedicada inteiramente a educação da juventude.

* * *

Filho de uma familia notavel pela união e amor que existe entre seus membros, Fernando Motta cedo soffreu as agruras das perseguições politicas. Aos nove annos seguia seu pae, o Tenente Coronel Candido Motta nas peripecias da lucta civil de 1842, onde se tinha comprometido, tendo sido preso com o grande orador paulista Gabriel Rodrigues dos Santos. Fernando Motta acompanhou-o á prisão abrandando con suas caricias o rigor do carcere.

Pouco depois D. Pedro II visitava Itú.

A precoce intelligencia do jovem Fernando fez com que o seu antigo mestre, o Padre Felix, pedisse que fosse elle o encarregado de saudar o Imperador em nome dos seus alumnos, tarefa de que se sahi brilhantemente.

Foi nessa notavel visita que a cidade recebeu o titulo de *Fidelissima* em versos escriptos pelo estudioso monarcha.

Não podendo continuar os seus estudos de preparatorios para a matricula na Academia de São Paulo, de-

dicou-se em 1854 á carreira do magisterio.

E que bellos nomes entre os seus alumnos!

Bastaria citar Cezario Motta Junior, o pranteado organisador de nossa instrucção publica, nome bemdito por milhares de mães que hoje entreveem roseo porvir para seus filhinhos, educados nas modernas escolas; Arruda Alvim; João Vieira de Almeida; Candido Rodrigues; os seus filhos Drs. Candido Motta illustrado lente de nossa Faculdade e deputado que se fez respeitar pela independência de suas opiniões e João Motta, provector advogado do fóro da Capital; e quantos outros ainda!

Em 1868 foi nomeado escrivão de orphãos de Porto Feliz e transferido para Capivary em 1879, mas nada o distrahiu do ensino, que continuou a administrar nas horas que lhe deixava o exercicio do cargo.

Em 1891, transferiu-se para o Amparo e lá fundou o Collegio Benjamin Constant, que ora é dirigido pelo talentoso litterato Carlos Ferreira, e hoje está em São Paulo, continuando no seu mister de educador.

Eis em traços largos a vida de Fernando Motta. Quarenta e um annos dedicou-os ao magisterio.

Não o intimidaram os agudos abroghos da adversidade, que sempre soube vencer, inspirado como verdadeiro crente, na religião do divino Filho de Maria.

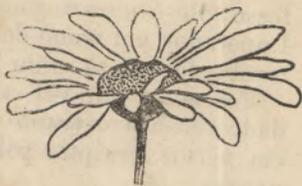
Se podessemos seguir os factos que vae incessantemente apontando no seu Diario, quantas surpresas, quantas revelações teriamos!

Neste Diario, tenazmente organizado, encontramos um primor de methodo.

A vida de Fernando Motta é um exemplo.

Vemol a consagrada a Deus, cumprindo seus deveres religiosos, com o fervor de um catholico sincero; á familia, acompanhando seus netinhos, orgulhado-se com a sua gentileza e com as suas travessuras; e á Patria, formando os caracteres dos seus futuros cidadãos:

Ao mestre respeitado, as nossas homenagens.



O velho Paulista



Parti, ó filho, marchai,
Sois Brasileiro e Paulista
Tende só pois hoje em vista
O que vos diz vosso Pai.
Esposa, filhos deixai
Ide a Patria defender
Ja que eu não posso o fazer
Ficarei com dór aqui.
Parti, meu filho, parti,
Embora vades morrer!



Esse atrevido leão
Quê o fraco sabe opprimir
Ha de chegar a seutir
O que pode uma Nação
Quando teme a invasão
De um povo embora guerreiro.
Ha de ver o Brasileiro
Audaz á Patria immolar-se,
Mas nunca verá curvar-se
A qualquer jugo estrangeiro.



Venha embora esse Bretão
Que se diz o rei dos mares
Que somente erige altares
A mais sordida ambição.
Cumpra sua nobre missão
Soms fracos, e elle é forte.
Seja quae fôr nossa sorte
Jamais nas ha de lumilhar
Ha de nos ver expirar,
Porem não temer a morte.



Tente pois elle a victoria
Devaste o nosso Paiz
Lance mais esse mat'z
De sangue na nossa historia.
Aos auaes da nossa gloria
Tambem se ha de juntar
O dia em que se affrontar
O furor dessa Nação,
Brave embora o seu leão
Jamais nos ha de aterrar.



Sôa a hora da partida
E' tempo, ó filho, marchai,
Lembrai-vos que vosso Pai
A pról da Patria querida
Jamais poupou sua vida.
O mesimo deveis fazer
Ir por ella combater
Como eu tambem combati.
Parti, meu filho, parti
Embora vades morrer!

20-1-1863.

Fernando Motta.

QUEM PAGOU O PATO?

Era noite. De um alpendre gozavamos o despertar de um formoso plenilunio, narrando cada um por sua vez, anedoctas e contos alegres, quando um ancião de p'ysionomia sympathica, surpreheu-nos com a historia que vams relatar:

« A região do Karma, cujos habitantes se occupavam na sua quasi totalidade, na industria pastoril foi theatro de acontecimento sensacional, chegando suas consequencias até nossos dias. Este paiz tinha por centro a pittoresca cidade de Tolypila.

Sendo uma das mais atrazadas da época, possuia contudo, a mais bella collocação, dominando dos altos minaretes de suas espessas muralhas campinas e valles, até as argenteas aguas do Kally-Kury que, continuando a formava uma segunda barreira quasi inacessivel ao inimigo.

Possuia, como todas as cidades desses tempos: praças, jardins palacios e templos, predominando a solidez em desaboro do gosto artistico. Joab, patriarcha deste povo, habitava o mais sumptuoso palacio cujas torres pareciam confundir-se com as nuvens.

Ao por do sol de uma bella tarde de verão os pastores reconduziam seus rebanhos aos respectivos apriscos, quando ao longe, das portas da cidade chegam sons confusos de trompas e timballes.

Os subditos de Joab, como, que ouvindo as cornetas que chamavam os homens ao Juizo Final, corriam pressurosos para lá. Dahi a nada a porta do Oriente parecia a entrada de um enorme formigueiro, tal o avultado numero de pastores que attentos moviam o arauto apre-goar um edicto do poderoso governador.

Communicava ao povo o casamento de sua filha com um illustre monarcha cuja visita esperava dahi a dez dia.

Para solemnizar tão faustoso acontecimento, lembrou se lançar uma ponte sobre o Kally-Kury, que reunisse todas as perfeições da architectura. Dava um quarto de seus haveres para quem a construise em oito dias, com a unica condição de ser enforcado na mais alta dos symcomoras, que adornavam a sua praça, se no oitavo dia elle e o seu cortejo não pudessem transpor o rio sobre ella e ir ao encontro do augusto visitante

Por trez vezes o arauto repetiu o edicto e ninguem se apresentou.

Então uma grande urna contendo o nome de todos os habitantes d'aquella terra, foi levantada até o palanquim onde se achava o apregoador, que abrindo-a tirou de dentro um fragmento de pelle de carneiro onde estava gravado, o nome de Eluz. Este nome pronunciado pelo arauto e renetido pela multidão echou por valles e montes. Ao mesmo tempo um individuo coberto de andrajos e empurrado pela chusma chegou até ao enviado do patriarcha. Submisso recebeu as ordens e retirou-se com os demais.

Eluz fôra senhor de enorme rebanho que a peste dizimara sobrevivendo apenas um bode de pello preto que ninguem o queria temendo o contagio. O infeliz resignado por ver perto o fim de seus padecimentos chegou a casa, orou por longo tempo e adormeceu.

Sete vezes os pastores reconduziram suas ovelhas ao campo; sete vezes ao astro rei doirou os altos pincaros do palacio de Job, escondendo-se preguiçoso na além da serra do poente e a ponte não tivera seu inicio. Eluz pela primeira vez sahio de sua choupana e foi-se assentar meditabundo sobre uma pedra. Ao sopé serpeava um regato de aguas crystalinas cujo marulho accordando com o silencio da noite produzia uma harmonia monotona.

O infeliz quiz ainda uma vez gozar a brisa nocturna, que, trazendo-lhe o odor das flores campezinhas açoitava-lhe os negros cabellos caídos em desalinho sobre a frente. Contemplou o firmamento crivado de scintillantes estrellas correu a campina com o olhar, lembrando, quiçá, dias felizes que ali gozou na sua meninice.

Levantou-se depois pausadamente e recolheu-se á sua habitação.

A noite ia avançada; o silencio sepulchral unicamente interrompido pelo pio estridente das aves nocturnas e pelo murmurio das aguas. Junto á porta da humilde choça apparece um vulto como que sahido do centro da terra. Seus traços mal se podiam divizar nas sombras tenebrosas da noite. Envolto em branco albornoz, dos olhos desprendiam-se chispas de fogo, na testa duas enormes protuberancias. unhas aguçadas, em tudo patenteava-se um ser extraordinario. Bateu á porta produzindo grande ruido.

Eluz que até aquella hora não pudera conciliar o somno fora de si corre á entrada de sua morada e abre. O alafrios e vertigeus não lhe faltaram ao contemplar aquella figura sinistra, depois de alguma excitação perguntou:

— Quem pode ainda lembrar-se de mim, ou quem que fim me procuraes?

— Sei, responde-lhe o estranho com voz cavernosa, que amanhã serás executado, caso a ponte não esteja concluida. Dal-a-hei prompta se te comprometeres a me entregar em corpo e alma o primeiro que por ella passar. E' a unica salvação que te resta, decide portanto.

Eluz depois de muito vacilar pergunta-lhe:

— Entao és o diabo ou um seu sectario?

— Nada importa, torna o desconhecido, quem eu seja, responde se accitas o não o meu offerecimento.

Eluz resolutivoolveu-lhe: — Seja;

O vulto aconchegando-se de Eluz, com os seus labios asquerosos osculou-o na fronte rindo-se sarcasticamente e desapareceu como por encanto.

Estava feito o pacto e Eluz com o sello do Deus do Averno na sua frente. Recolheu-se novamente e agitado, velou o resto da noite. Aos primeiros alvares da madrugada correu ao rio e petrificado contemplou a sua obra. A ponte estava concluida. Causaria pasmos aos modernos architectos a assombrosa obra d'arte que ali se erguera em poucas horas.

Era de granito; um só arco sustentava o seu amplo taboleiro. Sobranceiras erguiam-se quatro torres inexpugnaveis nas cabeceiras, enfim nada deixava á desejar podendo ser equiparada ás mais perfeita e luxuosa dos modernos tempos.

O sol illuminava com todo o seu esplendor a pittoresca cidade. O povo curioso ia e vinha da cidade ao rio admirando aquelle portento e commentando a succedido. Por ordem do poderoso Joab, fôra vedada a passagem da ponte enquanto elle e seu sequito não o transpuzessem.

Não se fez esperar. Algum tempo depois o pomposo prestito desliza pelas ruas tomando a direcção da ponte. Abriam-o trompas e tambores produzindo uma bulha infernal, seguiam-se sacerdotes e cavalleiros da mais alta linhagem, cavalgando garbosos ginetes ricamente ajacizados em seguida Joab e sua filha a formosa Kanora occupavam um coche tirado por oito fogosos cavallos. Após mordomos e criados do paço, em seguida as tropas e finalmente a multidão fechava a retaguarda.

Eram precedidos por Eluz que caminhava a pé, levando ao pescoço o ser bode preto, unico respeitado pela peste que o reduzira á miseria.

Chegado que foram á cabeceira direita da ponte, Eluz ordenou que parassem.

Incontinentemente as trompas calaram-se e os tambores emmudeceram. Elle tremulo avançou collocando o bode no chão obrigou-o a entrar na ponte o que conseguiu não sem trabalho. Quando o podre animal estava quasi a chegar ao extremo opposto, abriu-se subitamente o chão, Satanaz chamejante de raiva apparece e agar-

rao pela cauda, porém, esta pelo esforço de ambas parte-se e o bode galga a outra margem. O genio do mal vociferando maldições foge no meio d'um turbilhão de fogo; um ribombo semelhante o trovão fende o espaço.

Joab trauspoz o rio. Eluz cumprio o pacto, o bode e seus descendentes que até hoje possuem apenas um fragmento de cauda, pagaram o pato.

SA CRISTÃO.



O sabio e a Natureza

Naufragara em desconhecidas regiões do Oceano Pacifico uma vela tripolada por missionarios brahmanes, que levavam aos selvagens incolos da Oceania, o salutar pão do espirito.

Deste naufragio só conseguiu escapar-se á morte, um joven brahmane que fôra arrojado a uma ilha desconhecida.

Sem um companheiro e muito abatido, elle tratou de percorrer a ilha e reconheceu estar n'um reino de macacos.

Isto, no tempo em que os macacos falavam.

Sem esperanças de voltar á patria, o sacerdote de Brahma construiu uma cabana a beira mar, resolvido a ahí terminar os seus dias em profundas meditações e em um aperfeiçoamento continuo.

Nestas paragens abandonadas elle se punha em comunicação continua com o Ser Supremo — Brahma, pela oração.

Ahi elle meditava e considerava que « Aquelle que cria sem cessar os mundos é triplo » que « é Brahma, o Pae; é Maya, a Mãe; é Vishnou, o Filho; Essencia, Substancia e Vida » que « cada um contem os outros dous, e todos os tres são um no Ineffavel ».

Separado do resto dos homens; do mundo de vaidades, de orgulho e de traição e inspirada pela limpidez dos ceus e a amplidão dos mares, elle meditava sobre as palavras do Boghavadas.

« Quando o corpo se dissolve, e Satwa (a sabedoria) predomina, a alma se eleva ás regiões destes seres puros que contem o conhecimento do Altissimo ».

« Quando o corpo experimenta esta dissolução enquanto Raja (a paixão) domina, a alma vem de novo habitar entre os que se acham ligados ás cousas da terra. Da mesma maneira si o corpo é destruido quando Tama (a ignorancia) predomina a alma obscurecida pela materia é de novo attrahida para o meio de seres irracionaes ».

Um dia em que o nosso heroe se entregava a estas meditações, um macaco lhe furtou os Védas, livro de que nunca se tinha separado.

Correu logo pela Capital simiana, a noticia de que um objecto desconhecido fôra descoberto, e grande foi o movimento dos macacos da sciencia. O livro foi cuidadosamente levado para a Academia de Sciencias afim de ser examinado pelos macacos mais sabios do Reino.

Foi nomeada pelo rei uma commissão de sabios para dar o seu parecer.

Eis o resumo de seu relatório com as medidas, convertidas para o systema metrico decimal: « Depois de accurados estudos descobrimos que o objecto tem 0^m 196 de comprimento 0^m 12 de largura e 0^m 05 de grossura, pesa 2, kg. 235 e é formado por 227 laminas brancas de pelle de cordeiro, onde estão desenhados de uma e outra parte, 452064 signaes diversos que gastaram 293 grammas de tinta preta. Estas laminas estão comprehendidas entre outras duas muito mais espessas ».

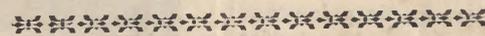
Os sabios, autores deste relatório, foram logo nomeados membros de varias Academias de Sciencias e agraciados com muitas condecorações.

O nosso brahmane, que desesperadamente procurava o seu livro, achou-o finalmente; e ao ter conhecimento do tal relatório, deu muita gargalhada, apesar da sizudez que, como sabio, elle sempre mantinha.

Elle deixaria de rir, contudo, si com uma intuição profunda considerasse que desde que o mundo é mundo até 1901 (d. C.) os sabios fazem do grande livro da Natureza o mesmo estudo que os macacos daquella ilha fizeram do seu livro sagrado: os Védas.

1901.

CALDAS JUNIOR.



« Independencia ou mortal »

Quando eu era pequenino, ao ouvir repetir esse grito inspirado que separou duas nações, como uma muralha de granito, ficava tomado de enthusiasmo...

O meu corpo todo vibrava n'um estremecimento.....

Parecia-me vêr D. Pedro elevar se no ar para, lá bem alto, entre as nuvens, proferir o grande grito...

E, impressionado, na ponta dos pés, dava accordo de mim soltando um grande berro entrecortado.

« Independencia ou... mor... te! »

S. Paulo 3 de Setembro de 1901.

PAULO ALVES PIMENTEL.

CHRONICA

E' uso antigo nas academias, quando algum calouro apparece, receberem-n-o os veteranos com cariciosas vaias, acompanhadas das competentes dansas e outras amabilidades pouco para desejar.

Ai d'O *Ypiranga*, se na imprensa se lesse pela mesma cartilha!

Estavamos nós agora mettidos em papos de aranha.

Não temos predisposição alguma para a dansa, e muito menos desejamos nos exhibir de casaca de ganga vermelha, cartola de laço multicôr e competente acompanhamento de latas de kerosene e assobios.

Ainda quando a dansa é n'um salão, quando estamos no meio de gentis senhoritas, que com elegancia mostram apenas a pontinha do seu sapatinho, vá lá, que por causa dellas a gente faz o que o diabo não cogitou, e tambem o que cogitou, mas no largo, entre marmanjes barbaçudos e sob uma chuva de pescoções... não, isso não róda.

Si por causa das moças nos enfiarmos em monumentaes collarinhos, esse para andar na moda e agradar-lhes, as nossas botinas tem mais cinco centimetros do que é necessario, isso enfim... sua alma, sua palma.

Mas contra a vontade, introduzir a nossa cabeça no celebre chapéu alto, e ir abanando as abas da rubra casaca pela rua de São Bento abaixo... só pelo Demo!

Felicamente, os jornalistas, que quasi todos já passarão pelas caudinas forças do calourato, resolveram não o adoptar na imprensa.

Que deus lhe leve isso em conta, porque cá entre nós, muito em segredo: jornalista não vae para o ceu nem a páu, é gente que tem parte como diabo.

Por isso nós vamos seguindo cheios de orgulho o nosso caminho.

Havemos de metter uma pedra no sapato de quem nos quizer provocar, seja Pedro, Sancho ou Martinho.

Todos dizem que a imprensa é como o caminho do céu, cheio de espinhos! Historia! Espinhos só tem os peixes que os redactores comem depois dos espectaculos na Rotisserie ou no Guarany. A gente apanha um delles está gordo, nédio, forte. As veres não tem nem um vintem no fundo dos bolsos,

quando não estão furados, mas a barriga está sempre cheia.

E como Agrippa já disse, *cum barriga dolet, caetera membra dolent*; por isso entramos hoje para esta vida, e gritaremos bem alto que os estrepes da imprensa não rasgam a pelle, mas com-nosco vamos rindo.

E deixa andar! *Eu.*

YPIRANGA

Alli, naquelle mesmo lugar em que cahiu o laço portuguez, levanta-se soberbo monumento... Chama-se Ypiranga.

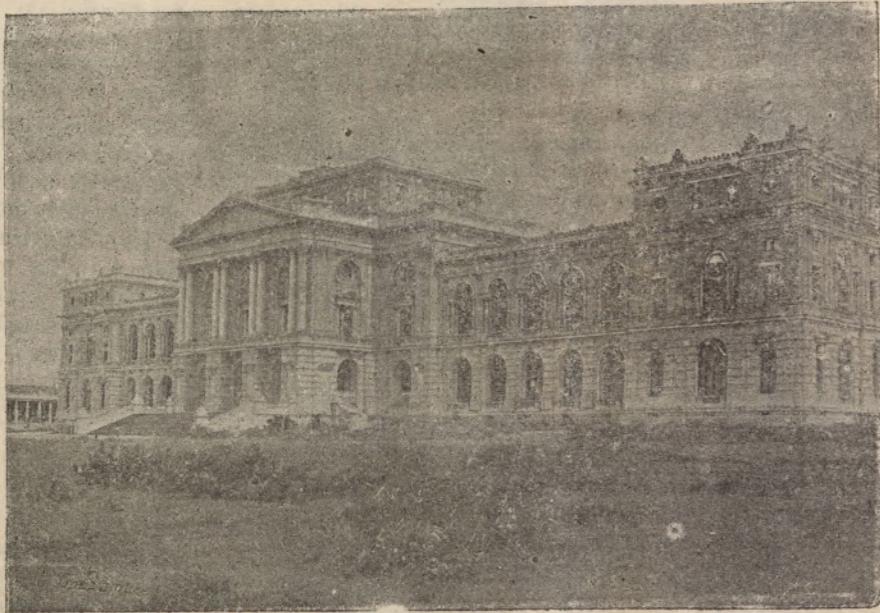
E' o padrão da Independencia Nacional. Sua fachada de granito desafia os insultos do tempo.

Vendo esse edificio altaneiro eu me perguntes:

— Porque materializar-se assim na pedra bruta a alma da nação?

— O verdadeiro monumento do Ypiranga está talhado no coração brasileiro.

Março Nogueira Dias.



MONUMENTO DO YPIRANGA

GREMIO « FERNANDO MOTTA »

Festejando o anniversario natalicio do estimado professor Fernando Motta, os seus discipulos e admiradores fundaram um gremio literario, a que deram o seu nome.

Neste gremio serão realisadas sessões nas quaes se discutirão assumptos scientificos e litterarios. O gremio sustentará além disso *O Ypiranga*, onde serão publica dos os ensaios dos seus membros.

A' installação da sociedade deu-se a 15 de Agosto, sendo eleita a seguinte directoria: presidente Paulo Galvão Sampaio, vice-presidente Leontino Queiroz, 1.º secretario Plinio Amaral,

dito Antenor Gurjão, thesoureiro Cassio Motta. Commissions — de syndicanca Ismael Cintra, Aristides Gurjão e Guilherme Jacoby e de redacção Arthur Motta Junior, Antonio F. Caldas Junior e Omar Magro. Esta directoria será hoje empossada.

A' noite, reuniram-se varias familias em sua residencia, prolongando-se o animado *soirée* até a madrugada.

Foi recitada ao piano pelos netinhos do venerando anciao a seguinte composição que conservamos de memoria, e com cuja publicação surprehendemos a distincta auctora, sua dilecta filha D. Clara Motta Sampaio:

E' hoje dia de grande festa
A causa d'esta quereis saber?
Vamos á vossa curiosidade
De boa vontade satisfazer.

Hoje faz annos uma pessôa
Oh! quanto é boa! Que coração
Que da orphanidade todas as dores
Transforma em flores pela affeição.

Hoje faz annos e, nós contentes
Votos vehementes vamos fazer
Pra que sua vida tão preciosa
Sô venturosa possa correr.

P'ra que o bom Deus que os
(orphãos ama
Com toda a chamma do seu
(amor
Sempre saudavel nol o cou-
(serve
Sempre o preserva de toda
(a dôr.
Adivinhas quem é esse ente
Que alegremente vamos
(saudar?
Oh! sim seu nome sabeis
(por certo
Visto bem peito de vós se
(achar.
Vede seus olhos tão distra-
(hidos
Em nós volvides n' um santo
(olhar
Como transpira tanta bon-
(dade
E felicidade em nos amar.
E's tu bom anjo! nosso
(avôzinho
Que com carinho sabes amar
Aceita pois que teus netinhos
Vão alegrinhos tua mão bижar!

* * *

O inimitavel Dr. João Motta e o sr. Othoniel Motta recitaram com inexcédível espirito dois monologos caipiras, que arrancaram prolongados applausos.

A parte musical foi desempenhada pelas Exmas. Snras. D. Carlinda Moreira da Silva e Clara de Motta Sampaio, e pelos srs. Amadeo Gomes e Henrique Aubertie, cuja primorosa execução deu lugar a repetidas salvas de palmas.

Perdurará por muito tempo no nosso espirito a recordação desta tocante *serata*.

